

EDUCAR NA VISÃO DO PAPA FRANCISCO: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NUM MUNDO MULTICULTURAL¹

*Education in Pope Francis' view: catholic education contributions in a
multicultural world*

Dom Angelo Vincenzo Zani²

Secretário da Congregação para a Educação Católica da Santa Sé

Resumo: O texto apresenta reflexões sobre a educação católica como formação da pessoa humana. Com base em fundamentos de documentos publicados pelo Papa Francisco sobre o significado de educar na contemporaneidade, propõe uma educação aberta à transformação sociocultural que prepare os cidadãos para saber como compreender os processos sociais, desenvolvendo atitudes de escuta, confrontação, serviço e desenvolvimento social na perspectiva de uma formação que contemple a cultura do diálogo e do encontro.

Palavras-chave: Educação Católica. Papa Francisco. Cultura do Diálogo e do Encontro.

Abstract: The article shows reflections on Catholic education for humankind. Based on the foundations from documents published by Pope Francis about the significance of education in the contemporary world, it proposes an education open to sociocultural changes, preparing citizens to understand social processes, developing attitudes concerning hearing, confrontation, service and social development, and contemplating a culture of dialogue and encounter.

Keywords: Catholic Education. Pope Francis. Culture of Dialogue and Encounter.

¹ Palestra proferida durante o Congresso Diocesano da Diocese de Juiz de Fora, em 05/11/2019 e na Diocese de Santos em 07/11/ 2019.

² **Dom Angelo Vincenzo Zani** é Secretário da Congregação para Educação Católica da Santa Sé e foi nomeado pelo papa Bento XVI secretário da Congregação para a Educação Católica em novembro de 2012., sendo nomeado em 2013 consultor da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

Eminência Reverendíssima, caríssimos Bispos, distintas autoridades acadêmicas e civis, docentes, educadoras e educadores, representantes das diferentes instituições; queridos amigos.

Alegro-me com esta circunstância, a inauguração do Congresso Diocesano da Diocese de Juiz de Fora, para expressar a todos os presentes as minhas mais sinceras saudações e, com eles, o dos membros que compõem a Congregação para a Educação Católica, sobretudo do seu Prefeito, Sua Eminência, o Cardeal Giuseppe Versaldi. Quero agradecer o convite para este evento, que demonstra a vossa atitude de compromisso e serviço à causa da Igreja.

A minha apresentação neste Congresso Diocesano está inspirada no rico Magistério do Papa Francisco sobre a educação católica. Para ilustrá-la melhor, chamo à vossa primeira consideração os documentos do Concílio Vaticano II e alguns posteriores, dada a profunda convergência entre o pensamento conciliar, pós-conciliar e o Magistério do Papa Francisco.

Com a *Gravissimum Educationis*, a declaração do Concílio Vaticano II sobre a educação, o mesmo Concílio expressa que “todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. A verdadeira educação – afirma o Concílio – pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte”¹.

É nosso dever ajudar as crianças e os adolescentes, tendo em conta o progresso da psicologia, da pedagogia e da didática, a desenvolver harmoniosamente as suas condições físicas, morais e intelectuais, a fim de que adquiram gradualmente um sentido mais perfeito da responsabilidade na cultura ordenada e ativa da própria vida e na procura da verdadeira liberdade, superando os obstáculos com valor e constância de alma.

Declara igualmente o Concílio que as crianças e os adolescentes têm direito a que se lhes ensinem a apreciar com reta consciência os valores morais e a aceitá-los com adesão pessoal, estimulando-os a conhecer e amar mais a Deus. O Concílio convida, além disso, a que se fomente uma adequada e eficiente coordenação entre as

escolas a fim de que se providencie o bem de todo o gênero humano. Inclusive as mesmas universidades terão de unir as suas aspirações e trabalhos, para contribuir para a formação de alunos que se distingam pelo seu espírito cristão.

Nos anos posteriores ao Concílio, depois da *Gravissimum Educationis*, o Magistério voltou repetidamente a sublinhar a importância da educação e a contribuição que a comunidade cristã está chamada a oferecer. Isto nos recorda a carta encíclica *Populorum progressio* com a qual, há pouco mais de cinquenta anos, com profética visão do futuro, São Paulo VI traçou um caminho alternativo a seguir para a realização de uma *nova humanidade*, evitando cair nas tentações da oposição estéril e selvageria de guerra e mostrando-nos que a educação é um instrumento indispensável no desenvolvimento dos homens.

Apesar das alterações de época, este ensino continua a ser muito atual num contexto de fragmentação social e desorientação. Destacam três ideias fundamentais:

A primeira é a ideia de que "**o mundo sofre por falta de pensamento**" (*Populorum progressio* 85).

A segunda é a ideia de que "**não há verdadeiro humanismo sem a abertura ao Absoluto**" (cfr. *Populorum progressio* 42).

A terceira perspectiva é a ideia de que na origem da injustiça há **uma falta de fraternidade** (*Populorum progressio* 66).

Esta profunda "caracterização evangélica" constitui um desafio para a própria educação. Na lógica da encarnação, a Palavra deve ser vivida, encarnada, inculturada, isto evita formas de intimismo estéril e gnosticismo infrutífero. Perante estes desafios, a Igreja está chamada a renovar com entusiasmo e convicção a sua paixão pela educação através de todas as suas instituições educativas, tanto formais como informais. De fato, os centros educativos católicos não são somente "dispensadores de habilidades" mas, precisamente pela sua natureza intrínseca, caracterizam-se como lugares de reunião e crescimento mútuo num caminho de educação para a vida que se abre aos demais desde a perspectiva do bem comum².

A paixão educativa, como se centrou o discurso do Papa Francisco para coroar o trabalho do Congresso Mundial "*Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*" (18-21 de novembro de 2015), hoje está chamada a sanar três fraturas profundas que cruzam processos formativos em diferentes níveis: a fratura da educação com a transcendência, a fratura com as diferenças culturais e religiosas vinculadas à figura do "outro" e ao grande fosso entre a natureza e a sociedade, fonte

de tantas desigualdades. Quando o Papa Francisco, como recentemente fez, convida a restabelecer o *pacto educativo*, levanta uma pergunta importante que deve interpretar-se em várias direções.

Neste horizonte desejo sublinha três orientações que resumem o Magistério da Igreja e sobretudo do Papa Francisco no âmbito da educação.

1. Pensar abertamente

O Santo Padre convida-nos a «converter o pensamento». Isto significa que, mais do que «as obras e os sentimentos», temos que ordenar o pensamento, uma vez que «não só é importante o que eu penso, mas também como penso»³. Devemos abrir-nos a novos horizontes⁴. «Hoje existe a ditadura do pensamento único». Se não se pensa de um modo determinado não se é considerado moderno, aberto. O nosso Pontífice sobre isto alerta-nos sobre como a nossa sociedade tende a opor a gratuidade e eficiência, liberdade e dever, coração e razão. Surge por esta causa «o drama do coração fechado, o drama da mente fechada. E quando o coração está fechado, este coração fecha a mente. E quando o coração e a mente estão fechados não há sítio para Deus», estamos «somente nós» e, de resto, convencidos a dizer que «se deve fazer somente aquilo que eu credito»⁵.

Estas palavras representam um pilar do pensamento educativo do Papa: para ele é uma necessidade real promover a razão. Isto será possível através da interdisciplinaridade ordenada dos conhecimentos e das habilidades adquiridas ao serviço do desenvolvimento humano. Por isto o Papa Francisco sugere com insistência que nos perguntemos «com que espírito penso eu: com espírito cristão ou com espírito mundano?». Numa sociedade como a atual, marcada por processos de globalização, é necessário perguntarmo-nos qual é a finalidade e o futuro que se quer para a humanidade, porque temos um "homem aumentado", um homem ampliado, mas em nada melhorado. Vemos um homem colocado numa sociedade governada por algoritmos, que tende a deixar-se guiar somente pelos motores combinados da ciência/técnica/economia ou pela inteligência artificial, com o grave e real risco de converter-se numa *máquina superficial e trivial*⁶. É necessário “pensar abertamente”, tendo a coragem de educar as jovens gerações para o valor de “saber pensar”, para proporcionar-lhes a possibilidade de ser verdadeiramente livres e criativos, evitando que contrastem cegamente e desintegram a sociedade.

Hoje, mais do que nunca, necessitamos pessoas que saibam pensar corretamente para que possam permanecer livremente na realidade e tomar decisões com prudência, moderação e justiça.

Imersos como estamos no areópago das culturas e no mercado das tecnologias que oferecem saberes, opiniões e falsos conhecimentos, repensar a educação significa, para o Papa Francisco, antes de mais, promover *a unidade dos conhecimentos* como antídoto à fragmentação e ao panorama sociocultural desintegrado. Em particular, o nosso Dicastério insiste na necessidade da transdisciplinaridade dos conhecimentos, para ajudar a extrair, assimilar e integrar os saberes que, desafortunadamente, ainda temos separados, fragmentados. De fato, a aquisição de conhecimentos e habilidades não se pode avaliar somente pela afirmação social e profissional, mas sobretudo pela sua contribuição relacional, quer dizer, entendida como uma formação capaz de pôr-se à disposição dos outros para construir o *bem comum*.

Necessitamos um novo enfoque, um pensamento *complexo e ordenado*, que seja capaz de vincular e articular o conhecimento, e não somente de justapô-lo⁷, pois a unidade do conhecimento e dos saberes não é semelhante ao conceito de unidade da ciência, com um carácter puramente funcional que se desdobra numa recomposição do conhecimento desde o exterior, mas que a transdisciplinaridade prospeta a unificação dos conhecimentos desde dentro. É necessário educar, tendo como ponto de referência a base de uma correta visão do homem, que o Papa Bento XVI define como *antropologia «concreta»*⁸, quer dizer, adequada à totalidade da realidade, que toca ao "homem na verdade mais profunda da sua existência"⁹. Para isto temos que recorrer à ajuda do princípio antropológico, existencial e epistêmico, que se fundamenta na conceção da unidade íntima da pessoa, para assim alcançar a formação integral de todas as suas dimensões. A razão restringida corresponde a uma visão abstrata do homem, enquanto a razão ampliada corresponde a uma antropologia concreta.

Portanto, a perspectiva do trabalho na educação é a ampliação da razão à dimensão transcendente. O diálogo entre fé e razão "não quer limitar-se a um estéril exercício intelectual, deve partir da atual situação concreta do homem, e sobre ela desenvolver uma reflexão que reúna a sua verdade ontológico-metafísica"¹⁰. Esta antropologia tem sempre que recorrer à educação católica para compreender bem os valores e as dinâmicas existências que se aplicarão nos processos educativos.

2. A descoberta do Absoluto

A segunda ideia do Magistério pós-conciliar, desenvolvida pelo Papa Francisco, é a de que "**não há verdadeiro humanismo se não está aberto ao Absoluto**" (PP. 42). O âmbito educativo, enquanto procura permanente de sabedoria, é um espaço indicado para reencontrar-se com este princípio. A pergunta

fundamental que nasce é: *o que é o humano?* E digo certamente que é uma pergunta fundamental porque a essência do homem é a mesma *humanitas*.

Ao responder às perguntas dos delegados internacionais do Congresso Mundial a 21 de Novembro de 2015, o Santo Padre ofereceu sinteticamente uma gama de propostas para a renovação e consolidação da educação católica. Em primeiro lugar, colocou a necessidade de um caminho integral que aborde a transcendência também através de modelos não convencionais: “A maior crise da educação, na perspectiva cristã, é este fechamento à transcendência. [...]. Educar humanamente mas com horizontes abertos. Nenhum tipo de fechamento beneficia a educação”¹¹. Um humanismo que não respeita nem a liberdade, nem a dignidade humana, nem a orientação da vida para o seu fim último não é humanismo. Por isso, o Magistério sucessivo à *Populorum progressio* até chegar ao Papa Bergoglio, move-se na perspectiva de um humanismo verdadeiramente integral, com o objetivo do desenvolvimento de todo o homem e de todos os homens. O Papa Francisco enfatiza que num mundo em que se globalizaram muitos instrumentos técnicos úteis, mas também a indiferença e a negligência, e que corre a uma velocidade frenética difícil de sustentar, se percebe a nostalgia das grandes questões sobre o sentido da vida, que as religiões sabem promover e suscitar na evocação da origem: a vocação do homem que não foi criado para consumir-se na precariedade dos assuntos terrenos, mas para encaminhar-se até ao Absoluto para o qual tende.

Esta é, portanto, a fratura vertical a sanar: a relação do homem com o Absoluto, com Deus.

É necessário recordar, sobretudo numa cultura secularizada como a atual, que “o homem não se limita somente ao horizonte temporal, mas, vivendo na história humana, conserva plenamente a sua vocação eterna” (*Gaudium et spes*, 76). Por estas razões, sobretudo hoje, a religião não é um problema mas sim parte da solução: contra a tentação de acomodar-se numa vida sem relevo, onde tudo começa e termina nesta terra, a religião recorda-nos que é necessário elevar o ânimo até ao Alto para aprender de Deus a construir a cidade dos homens.¹²

É no amplo horizonte que se pode *desenhar o humanismo planetário* e fazer surgir o encontro entre as diferentes culturas do planeta, desenvolvendo a capacidade de pensar a unidade e a multiplicidade, tendo a coragem de enfrentar juntos os desafios e mergulhando na realidade sem medo e, sobretudo, desde uma abertura ao Absoluto. Somente uma conceção não redutiva do humano, que não seja nem material nem finita do homem, mas aberta à transcendência, poderá “acompanhar as crianças e os jovens nos valores humanos presentes em toda a realidade”, como afirma o Papa Francisco. Uma dimensão vertical do homem que cruze a horizontal

para que, juntas, o conduzam por caminhos de encontro, na construção de pontes na direção de todos, no respeito, na estima e na aceitação mútua. Deste modo, a razão amplia-se e, portanto, enriquece-se para passar da ciência pura à sabedoria.

Ao romper as regras impostas por uma certa rigidez formal, o *humanismo cristão* propõe uma síntese holística naquele encontro que sempre é mais frutífero entre as dimensões vertical e horizontal. Fechar-se à priori ao chamamento da *Transcendência* é a base de um processo inverso que bloqueia desde a raiz o caminho do humanismo, e "*onde não há humanismo – afirma o Papa Francisco - Cristo não pode entrar!* Tem fechadas as portas! O drama do fechamento, começa nas raízes da rigidez¹³.

A educação, por outro lado, é flexível por natureza, é capaz de superar as barreiras do formalismo positivista, implicando não só a mente, mas também as mãos e o coração. A esta dimensão está ligada a fundamental contribuição que o ensino da religião pode dar para desenvolver a abertura do ser humano à *Transcendência*¹⁴.

A abertura do coração é similar a uma escada que se eleva para o Absoluto. Recordando esta dimensão transcendente da nossa atividade, damo-nos conta da necessidade de purificar os nossos corações, para poder ver as coisas na sua justa perspectiva. A cada passo a nossa visão se fará mais clara e receberemos a força para perseverar no compromisso de compreender e valorizar os outros, com os seus pontos de vista. Deste modo, encontraremos a sabedoria e as forças necessárias para estender a todos uma mão amiga.¹⁵

Neste horizonte se situa uma terceira perspectiva, aquela concernente à solidariedade e à fraternidade.

3. Solidariedade e fraternidade

Já Paulo VI tinha feito um apelo à caridade, convidando as pessoas, especialmente aquelas com responsabilidades políticas, a trabalhar "*com todo o seu coração e com toda a sua inteligência*" (*Populorum progressio* 82), para construir a "civilização do amor".

O Papa Francisco desde sempre considerou a escola como um meio de integração, porque educar já é, em si, integração. Esta leva-nos à solidariedade universal, que é um benefício e um dever de todos. O desenvolvimento dos povos, que se esforçam por escapar da fome, da miséria, das doenças, da ignorância, é o

buscar a participação dos frutos da civilização e de condições de vida mais humanas. Um programa de pensamento e de ação - diz o Papa Francisco - baseados nestes firmes pilares poderá contribuir, através da educação, para a construção de um porvir no qual a dignidade da pessoa e a fraternidade universal sejam os recursos globais dos quais cada cidadão do mundo possa haurir.

As escolas católicas e os programas de educação religiosa continuam hoje a desempenhar uma função indispensável na criação de uma cultura da fé e de um sentido de discipulado missionário. Por isso, a genuína formação religiosa requer professores fieis e alegres, capazes de formar não só as mentes, mas também os corações no amor de Cristo e na prática da oração.¹⁶

Na realidade, um professor também tem a tarefa de ensinar aos seus alunos a reconhecer fatos incômodos. Neste sentido, a relação educativa tem a peculiaridade de não só transmitir o conhecimento como um bem relacional, mas também de ser um bem relacional em si mesmo, que é "um bem que pode ser um produto e fruto somente juntos, não individualisticamente nem para determinismos coletivos, entre aqueles que estão envolvidos, lá onde tal bem consista no cuidado pela pessoa. A socialização educativa implica relações sociais (mais consiste em relações sociais) orientadas para produzir um bem específico: a atenção à pessoa humana"¹⁷.

Por detrás do docente católico - diz o Papa - fala uma comunidade crente, na qual, durante os séculos da sua existência, amadureceu uma determinada sabedoria da vida; uma comunidade que guarda em si um tesouro de conhecimento e de experiência ética, que se revela importante para toda a humanidade. Neste sentido, o docente fala não tanto como representante duma crença, como sobretudo testemunha da validade duma razão ética¹⁸, finalizada para o bem comum.

Para isso devemos retomar a ideia fundamental de que a humanidade é constitutivamente incompleta e as suas manifestações são múltiplas, individuais e culturais. Desde este horizonte, a educação transforma-se e, por sua vez, transformará o mundo, pois o princípio de "*fraternidade universal*" e de "*solidariedade*" serão a base da sua organização.

Hoje em dia, é necessário compreender a complexidade humana que procura não isolar o humano, mas situá-lo nos seus contextos cósmicos, físicos, biológicos, sociais, culturais, espirituais. Isto tudo porque o desafio do futuro da humanidade, consiste em saber tomar consciência da "*comunidade de destino*" de todos os povos da terra.

É essencial para a pessoa humana o fato que se realize totalmente como pessoa e o alcançará somente na sua abertura ao "tu" e ao "nós", porque a pessoa foi criada capaz de relação, de diálogo, para a comunhão. Cada um tem em si algo dos outros. Temos que superar a falsa ideia da autonomia do homem, pois não se trata de um "eu" completo em si mesmo, mas que cresce constantemente através da relação fraterna e solidária com a alteridade, com o "nós". A educação traduz-se num diálogo humano, de pessoa a pessoa, o que ajuda a todos a crescer, a crescer como pessoas, no nosso caminho de procura do absoluto, de Deus¹⁹.

Ao frio e impessoal solilóquio do homem moderno deve-se preferir a calidez do diálogo e a esperança de um encontro que possa abrir o coração incluso onde reinam a solidão e o desespero. "A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte"²⁰. Este convite dos Padres conciliares é todavia muito atual e está dirigido especialmente àqueles que, como vós, tendes cargos de responsabilidade no mundo da educação.

No seu compromisso de realizar a fraternidade e a solidariedade, a Igreja, com as suas numerosas escolas, presentes em todos os continentes, em primeiro lugar, tem que estar disposta a 'criar rede'. Isto significa que as instituições escolares e universitárias, para potenciar a iniciativa educativa e de investigação, devem-se enriquecer com os pontos fortes dos outros, para ser mais eficazes a nível intelectual e cultural". Por outro lado, "criar rede significa criar lugares de encontro e de diálogo no interior das instituições educativas e promovê-las aos de fora, para que o humanismo cristão contemple a condição universal da humanidade de hoje".

O Papa Francisco sublinha que "criar rede significa inclusive fazer da escola uma comunidade educadora na qual professores e estudantes não estejam ligados apenas por um plano didático, mas por um programa de vida e experiência, capaz de educar para a reciprocidade entre gerações diversas. E isto é muito importante para não perder as raízes". É na encíclica *Laudato si'*, que o Papa Francisco reafirma que "*a noção do bem comum também envolve as gerações futuras*"²¹. Os cidadãos de hoje são chamados a ser solidários com os seus contemporâneos onde quer que estejam e, ao mesmo tempo, com os futuros cidadãos do planeta. Isto implica a responsabilidade social da educação.

Uma educação aberta à transformação sociocultural obriga as instituições educativas a abrirem-se às dinâmicas da sociedade e aos seus problemas, e a não capacitar somente as pessoas para que desempenhem as diferentes profissões no sentido técnico, mas também a preparar os cidadãos de modo a saberem como

mergulhar nos processos sociais, desenvolvendo atitudes de escuta, confrontação, serviço e desenvolvimento social.

Para superar melhor este tempo histórico, necessitamos de líderes que saibam indicar os caminhos viáveis a percorrer, líderes que tratem de responder às necessidades das gerações atuais, sem comprometer as futuras e, assim, construir uma cultura baseada na ética intergeracional.

O desafio da missão educativa tem sido desde sempre um dos temas que estão no coração do nosso Sumo Pontífice. Num discurso perante os participantes do encontro “Educar e Transformar”, promovido pela Fundação *Gravissimum Educationis*²², o Papa Francisco fez um apelo à comunidade educativa católica a “globalizar a esperança”. Repensar a parábola educativa e, de modo mais genérico, os conhecimentos em termos de alteridade e de solidariedade também através da introdução de novos modelos, requer ir mais além de uma simples organização metodológica dos processos formativos, assim como de realizar uma real e própria “*refundação antropológica*”, que se estenda a todo o evento educativo num ambiente em que haja uma visão renovada das relações interpessoais e a tendência a construir o bem comum.

Uma educação solidária e humanizada não se limita a prestar um serviço formativo, mas ocupa-se dos seus resultados no quadro geral de atitudes pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não só se pede ao docente que ensine o aluno a aprender, mas que incite cada um a *viver, estudar e agir*, em relação com as razões do humanismo solidário; não projeta espaços para a divisão e o contraste, mas que, pelo contrário, propõe lugares de encontro e confronto, para realizar projetos educativos válidos e de qualidade²³.

Podemos afirmar que aos três pontos expostos - pensar abertamente, descobrir o Absoluto, sublinhar a fraternidade - o Papa Francisco acrescenta nas suas exortações três critérios essenciais para os projetos educativos: identidade, qualidade e bem comum.

“A **identidade** exige coerência e continuidade com a missão das escolas, das universidades e dos centros de pesquisa fundados, promovidos ou acompanhados pela Igreja e abertos a todos. Tais valores são fundamentais para se inserir no sulco traçado pela civilização cristã e pela missão evangelizadora da Igreja”.

Por outro lado, “a **qualidade** é o farol seguro para iluminar qualquer iniciativa de estudo, pesquisa e educação”.

Por último, “não pode faltar o objetivo do **bem comum**. Que é difícil definir nas nossas sociedades marcadas pela convivência de cidadãos, grupos e povos de culturas, tradições e crenças diferentes. É preciso ampliar os horizontes do bem comum, educar todos para a pertença à família humana”.

Diretrizes práticas

A Congregação para a Educação Católica reuniu e reelaborou o Magistério do Papa Francisco num documento intitulado: "*Educar para o humanismo solidário. Para contruir uma civilização do amor 50 anos depois da Populorum progressio*". A miséria, o desemprego e a exploração produzidos pelas desigualdades mostram as características da emergência humanitária em curso e aumentam as áreas de marginalidade. Estes processos marcam a mudança de época e ressalvam um humanismo decadente, muitas vezes acompanhado de indiferença. O paradoxo é que, se bem que o homem contemporâneo alcançou objetivos importantes no conhecimento da natureza, no campo da ciência e da tecnologia, ao mesmo tempo carece da capacidade de planificar uma convivência adequada para uma vida aceitável e digna. Portanto, alguns pontos que frequentemente se propõem para uma reflexão mais precisa surgem do ensino do Papa Francisco.

Em primeiro lugar, como já mencionado, parece essencial **humanizar a educação**. A educação deve estar ao serviço de um novo humanismo, para promover toda a humanidade e os seus objetivos mais sublimes.

"Humanizar a educação" significa colocar a pessoa no centro da educação, num marco de relações que constituem um povo em movimento, interdependente, vinculado a um destino comum e que, deste modo, qualifica o humanismo solidário. Requer a necessidade de atualizar o pacto educativo entre gerações, começando pela família para chegar a todo o corpo social. Além do mais, humanizar a educação significa cuidar os resultados do serviço de capacitação, tendo em conta o marco geral das atitudes pessoais, morais e sociais de todos os sujeitos que participam no processo educativo: docentes, estudantes, instituições locais, lugares e espaços de reunião, para uma educação que não é seletiva, mas que está aberta à solidariedade e ao intercâmbio.

Numa sociedade onde os cidadãos de diferentes tradições, culturas e religiões vivem juntos, é promover a educação baseada na formação na **cultura do diálogo**.

O diálogo autêntico leva-se a cabo dentro de um marco ético de requisitos e atitudes educativas e objetivos sociais, no qual os pilares fundamentais são a

liberdade e a igualdade, não tanto como valores proclamados, mas com gestos que conectam os princípios éticos anunciados com as escolhas sociais e civis feitas realmente. Nesta "gramática do diálogo", as religiões podem estar ao serviço e não obstruir a convivência pública, a partir dos seus valores positivos de amor, esperança e salvação que não podem reduzir-se à esfera individual, privada e reservada. Por outro lado, devem ser experimentados e presenciados como valores éticos positivos nos espaços públicos e perante as leis jurídicas do Estado, como a alma de uma cidadania ativa e responsável. A capacidade de construir as bases para "sair" e abrir um diálogo pacífico, que permita o encontro entre a diversidade e a construção do bem comum, é própria da natureza da educação.

O desenvolvimento humano está vinculado ao anúncio da redenção cristã, que não é uma utopia futurista, mas que já é a substância da realidade. Aqui, de fato, encontramos a contribuição específica que o cristianismo quer dar à educação: a mensagem da salvação em Jesus Cristo está vinculada ao amor.

Disto surge a mensagem de esperança e o potencial gerador que se pode transmitir em todas as expressões da vida humana. A esperança globalizante é a missão específica da educação para um humanismo cristão, que se cumpre mediante a construção de relações educativas e pedagógicas que capacitam as pessoas para respeitarem-se e aceitarem-se mutuamente.

A educação deve permitir que cada cidadão se sinta ativamente envolvido na construção de uma nova sociedade, a partir de um marco de requisitos e regulamentos éticos compartilhados. Desde este ponto de vista, o processo de inclusão deve continuar até chegar a toda a família humana. Que significa isto? Em primeiro lugar, é necessário que o processo inclusivo levado a cabo no presente possa influir nos estilos de vida e na existência dos cidadãos das gerações futuras. Trata-se de construir o bem comum que envolve não só aos contemporâneos que habitam hoje a terra, estejam onde estiverem, mas também aos futuros cidadãos do planeta. Isto requer uma educação baseada numa ecologia integral, por consequência, numa ética intergeracional. Uma visão correta da história e o espírito com o qual os nossos antepassados enfrentaram e superaram os seus desafios pode ajudar enormemente o homem contemporâneo, na sua projeção ao futuro.

Conclusões

Em conclusão, pode-se entender facilmente que, para alcançar os objetivos da promoção humana indicados repetidamente pelo Papa Francisco, é necessário agir, através da educação, não só segundo um *projeto de desenvolvimento integral*, mas

também e, sobretudo, promover uma *comunidade educativa* que proponha um modelo de convivência alternativo ao de uma sociedade de massas e ao individualismo²⁴.

A perspectiva do Papa Francisco pode resumir-se como um compromisso para promover uma “cultura do encontro”, onde a Verdade se revela no encontro, na relação. O Papa mantém-se a uma distância segura desses “excessos ideológicos” que arrastam as pessoas e as comunidades, incluindo a própria Igreja, apagando-lhe os seus horizontes e privando-os do seu potencial inato. Nunca antes se havia necessitado com urgência de uma inversão de marcha que, através de uma educação capaz da escuta paciente e de um diálogo construtivo, faça com que a unidade prevaleça sobre o conflito²⁵.

Os processos de intercâmbio e transformação devem iniciar-se com todas as decisões necessárias “que permitirão às gerações futuras construir um futuro”²⁶ de esperança e de paz. Portanto, parece claro que se educa não só para possuir conhecimentos e conteúdos, mas também para melhor entender razões, hábitos e valores. Por isso, é importante ampliar os limites da razão, revelando-os à sabedoria e ao amor. Trata-se de uma alteração necessária, que deve abrir as portas a um *humanismo fraterno e solidário*²⁷. De fato, o Papa Francisco recorda-nos na encíclica *Laudato si'*, que «a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza»²⁸. O nosso objetivo comum é que a educação se converta “na *plataforma ideal para derrubar os muros do mal-entendido e do orgulho*”²⁹.

Neste contexto, todos nós somos chamados a uma grande responsabilidade e a um trabalho de comunhão. Isto nos pede o Papa Francisco no seu Ministério; portanto, dever-se-á, antes de mais, vigiar para uma constante renovação, afrontar os desafios atuais e trabalhar em harmonia para superar todas as tentações individualistas, de modo que uma voz unida e unívoca possa trazer dinamismo e habilidades, lançando a cooperação e partilhando projetos.

A educação católica é um dos desafios mais importantes da Igreja, dedicada hoje a realizar a nova evangelização num contexto histórico e cultural em constante transformação. É por isso que o Papa Francisco lançou o evento mundial de 14 de Maio de 2020, que terá como tema “*Reconstruir o pacto educativo global*”, para oferecer uma casa comum, sólida e fraterna às novas gerações.

Com esta iniciativa, o Papa dirige-se aos representantes das principais religiões, aos expoentes das organizações internacionais, às personalidades públicas que a nível mundial ocupam cargos de responsabilidade e às diversas instituições humanitárias, do mundo académico, económico, político, cultural e da investigação.

O renovado convite do Pontífice é para que se dialogue sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta conscientes de que cada alteração requer um caminho educativo que faça amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.

Ao celebrar o 450º aniversário da Bula de São Pio V, o convite que o Papa Francisco dirige a todo o mundo é de comprometermo-nos a "reconstruir o pacto educativo": isto converte-se numa oportunidade extraordinária para reviver a missão educativa desta Igreja local. Por tanto, desejo a todos os professores, aos pais de família e a toda esta comunidade diocesana um ímpeto renovado, para investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade no campo educativo, para capacitar as jovens gerações e para que os ajudem a construir a sua própria identidade olhando para Cristo, o homem novo, e converterem-se assim em protagonistas de um mundo fraterno e solidário.

Novamente, agradecendo-vos pelo precioso serviço que prestais nesta instituição educativa, expresso-vos os meus mais fervorosos desejos de bom trabalho.

NOTAS:

¹ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum educationis* (28 outubro 1965) n. 1.

² Cfr PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, Proêmio, 24 novembro 2013.

³ PAPA FRANCISCO, Missas matutinas na capela da Domus Sanctae Marthae, *Conversão do pensamento*, 5 de Março de 2018.

⁴ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica*, 21 Novembro 2015.

⁵ PAPA FRANCISCO, Missas matutinas na capela da Domus Sanctae Marthae, *A ditadura do pensamento único*, 10 de Abril de 2014.

⁶ Cfr. E. MORIN, *Prefácio* ao volume de M. CERUTI, *Il tempo della complessità*, Raffaello Cortina Editore, Milano 2018, VII-X.

⁷ Ibid.

⁸ O termo «concreto» é de Bento XVI (cfr PASCAL IDE, «Le Christ donne tout», in *Benoit XVI, une théologie del l'amour*, Paris, L'Emmanuel, 2007, p. 136-141); *Discurso aos participantes do VI simpósio europeu dos professores universitários* (Roma, 7 Junho 2008).

⁹ BENTO XVI, *Discurso aos participantes do VI simpósio europeu dos professores universitários* Roma, 7 Junho 2008

¹⁰ BENTO XVI, *Discurso aos participantes do VI simpósio europeu dos professores universitários* Roma, 7 Junho 2008.

¹¹ Cfr. PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica*, 21 Novembro 2015

¹² PAPA FRANCISCO, Viagem Apostólica do Papa Francisco ao Egito (28-29 de Abril de 2017), Discurso do Santo Padre aos Participantes da Conferência Internacional para a Paz, Al-Azhar Conference Centre, El Cairo, 28 de Abril de 2017.

¹³ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica*, 21 Novembro 2015.

¹⁴ Cfr. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta Circular N. 520/2009 sobre o ensino da religião nas escolas* (5 Maio 2005), n. 10.

¹⁵ PAPA FRANCISCO, Viagem Apostólica de Sua Santidade Francisco a Myanmar e Bangladesh (26 De Novembro - 2 de Dezembro De 2017) Encontro Inter-religioso e Ecuménico pela Paz, Jardim do Arcebispado (Daca), 1 de Dezembro de 2017.

¹⁶ PAPA FRANCISCO, Viagem Apostólica do Papa Francisco à Irlanda para o IX Encontro Mundial das Famílias (25-26 de Agosto de 2018) Encontro com os Bispos, Discurso do Santo Padre, Convento das irmãs Dominicanas, Dublin, 26 de Agosto de 2018.

¹⁷ P. DONATI, "La socializzazione educativa e il capitale sociale: in che modo famiglie e scuole generano beni relazionali?", in P. DONATI, I. COLOZZI (Eds.), *Capitale sociale delle famiglie e processi di socializzazione. Un confronto fra scuole statali e di privato sociale*, Franco Angeli, Milano 2006, 122-123.

¹⁸ PAPA FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco à comunidade da Universidade Católica Portuguesa por ocasião do 50º Aniversário da sua Fundação, Sala Clementina, 26 de Outubro de 2017.

¹⁹ PAPA FRANCISCO, Saudação do Santo Padre Francisco a uma Delegação Taoísta de Taiwan, Saída da Aula Paulo VI, quarta-feira, 14 de Março de 2018.

²⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração sobre a educação cristã *Gravissimum educationis*, 28 Outubro 1965, n. 1.

²¹ PAPA FRANCISCO, Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum *Laudato si'* (24 Maio 2015), 159.

²² PAPA FRANCISCO *Discurso aos Membros da Fundação "Gravissimum Educationis"*, Sala do Consistório, 25 de Junho de 2018.

²³ Cfr. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar para o humanismo solidário...*, op. cit., n. 10.

²⁴ Cfr. *Educatio Catholica*, Anno I- 3-4/2015. O número inteiro é dedicado ao tema da «Comunidade educativa».

²⁵ Cfr PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 24 Novembro 2013, nn. 226-230.

²⁶ PAPA FRANCISCO, *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé pela apresentação dos votos do Ano Novo*, 7 Janeiro 2019.

²⁷ Cfr CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA, *Educare all'umanesimo solidale. Per costruire una "società dell'amore" a 50 anni dalla Populorum progressio*, Tipografia Vaticana, Città del Vaticano 2017

²⁸ PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'*, 24 Maio 2015, n. 215.

²⁹ P. PAROLIN, "L'Église Catholique et l'éducation", *Educatio Catholica*, Anno I-1/2015, 39.

Sobre o autor:

Dom Angelo Vincenzo Zani nasceu na Itália, estudou Filosofia e Teologia na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino e na Pontifícia Universidade Lateranense entre os anos de 1971 e 1976. Nos anos de 1978 a 1981 obteve a Licenciatura em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Doutorou-se em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Lateranense. Lecionou no Instituto Filosófico-Teológico Salesiano e no Instituto Teológico Paulo VI. Nos anos 1981 a 1995 foi delegado da Conferência Episcopal da Lombardia para o trabalho da pastoral escolar. Foi diretor do Escritório Nacional da Conferência Episcopal Italiana de Educação, escola e universidade de 1995

a 2002. Em novembro de 2012, o papa Bento XVI o nomeou secretário da Congregação para a Educação Católica e arcebispo titular de *Voltturnum*. Em 2013, o Papa Francisco confirmou sua posição de secretário e o nomeou **consultor** da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. É autor de dois livros e coautor de outros dois.

Publicações

ZANI, A.V. **Formare l'uomo europeo**: sfide educative e politiche culturali. Roma: Città Nuova, 2005.

ZANI, A.V. **Le sfide educative della nuova Europa**: prospettive di politica culturale e orientamenti ecclesiastici. Roma: [s.n.], 2005.

LUBICH, C.; ZANI, A.V. **Educazione come vita**. Brescia: La Scuola, 2010.

ZANI, A. V.; PELLERREY, M. **Le istituzioni accademiche ecclesistiche**: cultura della qualità e nuova evangelizzazione. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2012.

Recebido em março de 2020

Publicado em agosto de 2020